

## Fernando Molica

### A guerrilha urbana que prosperou

Justiça seja feita aos traficantes e milicianos que infestam e ameaçam implodir o país: eles põem no chinelo a atuação dos grupos radicais de esquerda que, durante a ditadura, tentaram implantar focos guerrilheiros no país.

Tais organizações jamais conseguiram dominar fatias do território nacional, nem mesmo bloquear com ônibus importantes vias de cidades como o Rio de Janeiro.

As ações mais visíveis desses grupos, como assaltos a bancos e roubos de armas e explosivos, não se constituíram em atos de guerra, mas de levantamento de fundos e de material para futuras batalhas. Os sequestros de diplomatas tinham o objetivo de libertar presos políticos submetidos à tortura.

A guerrilha do Araguaia foi sufocada ainda em sua fase embrionária. Tropas do Exército não economizaram na hora de matar e sequestrar integrantes do PCdoB e moradores da região, acusados de colaborar com os guerrilheiros — as vítimas locais não tinham a menor ideia de

que os “paulistas”, como eram chamados, tinham ido fazer por lá.

Não vale dizer que a democracia e o respeito aos direitos humanos impedem que a polícia de hoje faça o mesmo trabalho sujo dos militares nos anos 1960 e 1970. Como ressalta o jornalista Elio Gaspari, durante a ditadura, as Forças Armadas copiaram a brutalidade do aparelho policial brasileiro.

A resiliência e o crescimento das mais variadas quadrilhas e organizações criminosas entre nós reforçam que a violência de agentes do Estado não é eficaz no combate aos tantos bandidos que agem em nosso país.

É mais razoável apostar em outro caminho: os que pegaram em armas para lutar contra a ditadura e implantar o socialismo pela via revolucionária eram adversários dos que controlavam o Estado. Representavam uma ameaça aos militares e aos seus cúmplices civis, como os empresários que financiaram a expansão da rede de torturas.

Já os traficantes e milicianos de hoje — para ficarmos em ape-

nas duas das especialidades criminosas — atuam em colaboração com integrantes do Estado, não apenas policiais. Seria impossível que conquistassem tanta força, que acumulassem tantas armas e amealhassem tanto dinheiro sem a cumplicidade de representantes do poder convencional.

O suborno de um policial de rua é apenas a face visível e menor de esquemas grandiosos que corrompem a estrutura institucional brasileira. A implantação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) em favelas cariocas provou o óbvio: o Estado era mais do que capaz de retomar territórios dominados por traficantes. Para isso sequer houve necessidade de grandes tiroteiros, bastava aplicar o conceito da dissuasão.

O projeto das UPPs acabou perdido pelo viés político-eleitoral e pelo renovado compromisso do Brasil com a exclusão social e pela tradicional parceria com o crime — é sempre relevante lembrar que muitas das grandes fortunas de nosso país foram formadas pelo tráfico de escravizados.

A atuação dos bicheiros, em

particular, os do Rio, chega a ser caricatural, tamanho seu caráter didático na exposição de como o crime se infiltrou no Estado e tomou muitas de suas rédeas.

Em torno de algo lúdico e popular, foi criada uma rede de cumplicidade que corroeu boa parte da polícia, que naturalizou a corrupção, que se consolidou nos três poderes e criou laços com a iniciativa privada. Não se pode folclorizar uma atividade que, desde o início, promove incontáveis homicídios na dissuta pelo poder.

O Brasil corre o risco de, em pouco tempo, virar uma grande Nilópolis, cidade da Baixada Fluminense onde, desde os anos 1970, integrantes ou representantes da família do bicheiro Aniz Abrão David, o Anísio da Beija-Flor, praticamente se revezam no comando da prefeitura.

Não por acaso, o chefe do clã e outros integrantes da chamada cúpula da contravenção foram defensores e parceiros da ditadura — integram, desde então, um núcleo da guerrilha que vem dando certo.

## EDITORIAL

### O famoso ‘jeitinho brasileiro’

Quem nunca ouviu falar no tal ‘jeitinho brasileiro’? A capacidade de “se virar” perante uma situação complicada, mas... Que só o brasileiro sabe como sair dela. Geralmente, sem qualquer tipo de planejamento e absolutamnete na base da improvisação.

Fato é que o jeito brasileiro, seja para o bem ou para o mal, é intrínseco à sociedade brasileira. No entanto, é válido ressaltar que nem sempre esta prática reflete o ideal de sociedade que deveríamos estar empenhados para construir. E aqui não se trata de utopia. E sim de valores indispensáveis para a construção de um país justo e minimamente capaz de proporcionar maior qualidade de vida à população.

É impossível não tratarmos de uma mudança estrutural de conceitos, uma ruptura de paradigmas que hoje se norteiam na base de uma “malandragem” nociva, que desvirtua o país e faz com que tenhamos uma classe política (com honrosas exceções) que reflete o comportamento da maioria do eleitorado.

O pleito eleitoral do dia 06 de outubro, com inúmeros relatos e denúncias de compra

de votos, sinaliza que há décadas, uma parcela considerável dos cidadãos vem colocando em prática o tal ‘jeitinho’, até na hora de votar. Já está um exemplo de que o jeito brasileiro pode despertar uma esperteza momentânea, em que o eleitor leva determinada quantia em dinheiro para votar em um candidato específico. Mas a dita “esperteza” é tão logo passageira, pois serão 4 anos de sofrimento para os que se julgaram tão espertos. Venderam o voto, e não terão moral e credibilidade para cobrar melhorias para a região em que vivem.

A boa malandragem não pode prejudicar a si próprio e muito menos o coletivo. Quem vende o voto, na verdade paga de “mané”, considerando os prejuízos que terá através da condução de administradores públicos irresponsáveis e incompetentes, além de desonestos. Igualmente um poder Legislativo omissivo, inerte e complacente com os atos escabrosos do Executivo.

O jeito que precisamos aprender (e aí sim seremos espertos), é o da empatia. É a capacidade em se colocar no lugar do outro e pensar não no próprio umbigo, mas na coletividade.

## Pablo Tenório Cavalcanti\*

### O impacto das redes sociais nas eleições de 2024

A cada eleição, novas tecnologias e plataformas desempenham papéis importantes que impactam diretamente seus resultados. Em 2024, vimos o TikTok e as inteligências artificiais sendo amplamente utilizadas nas campanhas. Mas, até que ponto essas inovações trouxeram resultados concretos? Neste artigo, faremos uma análise sobre isso.

Não há como negar o impacto das redes sociais em nossa vida. Elas influenciam diretamente nosso comportamento, consumo e, a cada dois anos, desempenham um papel central na corrida eleitoral. No primeiro turno das eleições de 2024, ocorrido no último dia 6 de outubro, vimos os candidatos explorarem essas plataformas ao máximo. Conteúdos divertidos, sérios, bastidores do dia a dia, publicações impulsionadas (tráfego pago) — as campanhas exploraram uma ampla variedade de formatos e estilos.

Alguns candidatos aderiram às danças e tendências populares (algumas de gosto duvidoso), enquanto outros utilizaram as plataformas para desmentir fake news, um tema que por si só merece um artigo separado, dada a enorme quantidade de desinformação, especialmente no WhatsApp.

Houve também candidatos que souberam explorar bem o que as redes sociais têm de mais importante: a interação. Aliás, essa interação é o princípio básico das redes. A conversa com o eleitor, a troca de informações e a explicação sobre uma ideia ou proposta de plano de governo fazem com que o eleitor se

sinta ouvido, aumentando significativamente a probabilidade de apoio ao candidato.

Nesta campanha, marcada pela popularização da inteligência artificial, o ChatGPT foi amplamente utilizado para criar roteiros de vídeos e textos para legendas de posts. Além disso, as ferramentas de IA generativa, capazes de criar imagens e vídeos, foram amplamente utilizadas, especialmente na produção de memes e conteúdos de ataque a adversários. Para as eleições de 2026, que terão uma abrangência nacional, essas ferramentas terão um papel ainda mais essencial na criação de conteúdo.

E por falar em criação de conteúdo, a grande estrela dessa eleição foi, sem dúvida, o TikTok. Com seu enorme alcance, especialmente entre os jovens, a plataforma foi muito explorada pelos candidatos. De acordo com o TikTok, um em cada quatro usuários têm menos de 20 anos. E, nesta eleição, o número de eleitores com menos de 18 anos, para os quais o voto não é obrigatório, aumentou consideravelmente. Os políticos se atentaram a isso e dedicaram-se a explorar essa parcela do eleitorado.

No entanto, dados da Datafolha mostram que 45% dos jovens entre 16 e 24 anos afirmaram ter sido influenciados por conteúdos políticos no TikTok durante as eleições de 2024. Esse dado demonstra o impacto crescente das redes sociais no processo de decisão dos eleitores mais jovens, que, em muitos casos, votaram pela primeira vez.

Observamos grandes nomes da política fracassarem em suas campanhas, mesmo com uma presença digital ativa e elevado engajamento. Um exemplo disso foi o candidato Pablo Marçal, em São Paulo. Apesar de seus milhões de seguidores e intensa atividade nas redes, ele não conseguiu chegar ao segundo turno. Em contraste, temos o exemplo de João Campos, reeleito em Recife com uma votação recorde. Mas o que diferencia um do outro? A entrega de trabalho. Enquanto Marçal, com toda sua influência nas redes, tentou (e conseguiu) tumultuar o cenário político de São Paulo, propagando fake news e criando narrativas para tentar chegar ao segundo turno, Campos trabalhou consistentemente sua imagem durante o mandato. Como sempre digo: quanto mais se trabalha durante os quatro anos, mais tranquila será a campanha seguinte.

Campos entregou resultados concretos. E é isso que vale para o eleitor. Os eleitores valorizam políticos que entregam resultados. Quando há trabalho e uma boa comunicação, o sucesso é inevitável. E essa é a mensagem que fica no final: o trabalho é o que realmente conta.

Além de tudo, o papel das redes sociais vai além da comunicação rápida e simples: seu impacto no comportamento psicológico dos eleitores é inegável. Estudos indicam que vídeos curtos e emotivos deixam uma impressão mais duradoura, especialmente entre o público mais jovem, que se engaja

mais rapidamente com conteúdo visual.

Em outros países, como os Estados Unidos, nas eleições de 2020, vimos o TikTok ser amplamente utilizado por candidatos e apoiadores de ambos os lados do espectro político. A diferença, no entanto, foi o uso massivo de IA nas eleições de 2024 no Brasil, tornando esta uma das campanhas mais tecnológicas até hoje.

Olhando para o futuro, podemos prever que as próximas eleições trarão ainda mais inovação. IAs e algoritmos vão continuar refinando as campanhas, tornando-as personalizadas e cada vez mais envolventes. Ferramentas de realidade aumentada e hologramas podem estar a caminho, transformando os comícios virtuais e as interações eleitorais.

No entanto, uma coisa é certa: de nada adianta estar presente no TikTok sem um histórico de trabalho a ser apresentado. Observamos grandes nomes da política fracassarem em suas campanhas, mesmo com uma presença digital ativa e elevado engajamento. E, diante desse cenário, cabe ao eleitor estar atento e crítico quanto ao que consome nas redes. As plataformas digitais podem ser ferramentas poderosas de informação, mas também de manipulação. A escolha de um bom candidato vai além da tela e depende do histórico e das ações concretas ao longo do tempo.

**\*Publicitário e especialista em marketing político com mais de 23 anos de experiência**

### 48ª Mostra SP promete ser histórica

A 48ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo começou nesta quinta-feira (17) e promete ser uma das mais agitadas de todos os tempos. A começar pela sessão de encerramento, que marcará a estreia de um dos filmes mais polêmicos do ano, o remake de Megalopolis, dirigido por Francis Ford Coppola. Mais do que isso, o próprio diretor, considerado uma lenda viva do cinema mundial - responsável por filmes como ‘O Poderoso Chefão’ e ‘Apocalypse Now’ - marcará presença e será homenageado na Mostra.

Mas o grande destaque mesmo é o lançamento de ‘Ainda Estou Aqui’, o filme nacional que foi ovacionado no exterior e está sendo fortemente cotado para figurar em algumas categorias do Oscar, podendo até mesmo trazer o primeiro troféu da maior premiação do cinema para o Brasil.

Estrelado por Fernanda Torres e dirigido por Walter Salles, o filme conta a história de Eunice Paiva e sua família em meio à Ditadura Militar, que assassinou seu marido, Rubens Paiva.

Há também filmes estrangeiros que devem despontar nas principais cerimônias de premiação da temporada, como é o caso de ‘Anora’. As sessões para o novo filme de Sean Baker, que conta uma história que lembra uma adaptação de ‘Uma Linda Mulher’, mas com a frieza da geração atual, estão com os ingressos disputadíssimos, dada a excelente - e justificada - repercussão que teve lá fora. Inclusive, quem não conseguir assistir na Mostra, terá de esperar até janeiro de 2025.

Enfim, é uma edição muito especial que promete entrar para a história da Mostra SP como uma das maiores celebrações ao cinema no Brasil.

## Opinião do leitor

### Exoneração em Queimados (RJ)

Vergonhoso ver um secretário municipal ser preso em flagrante por abusar de uma menor dentro de uma vila olímpica. É um escárnio total! Agora até quando este sujeito permanecerá preso (se é que continua)?

João Félix dos Santos  
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

### O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



#### HÁ 95 ANOS: PARAGUAI DISCUTE TRATADO DE FRONTEIRAS COM BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de outubro de 1929 foram: Câmara do Paraguai discute novo tratado de fronteiras

com o Brasil. Presidente da França diz que Federação de Estados da Europa não é de caráter agressivo contra a América. França está disposta

a conversar com a Inglaterra sobre os tratados de armamentos navais. Conflito entre China e URSS ainda não chegou às vias de fato.

#### HÁ 75 ANOS: UDN INCLINADA A LANÇAR EDUARDO GOMES À PRESIDÊNCIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de outubro de 1949 foram: URSS articula um bloco germano-soviético na ONU

para aprovar a criação da Alemanha Oriental. Comissão de Finanças da Câmara debate a criação de um câmbio múltiplo, para haver desva-

lorização do cruzeiro. Comoção popular faz UDN levar a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes virar realidade no partido.

### Correio Petropolitano

Uma publicação do Correio da Manhã

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)  
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com  
Bruno Portella (Diretor)  
Rodrigo Magnavita (Diretor)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)  
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Luana Motta (editora), Pedro Sobreiro, Rafael Lima e equipe TVC

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)  
Leo Delfino (Editor)

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452  
Petrópolis: Trav. Vereador Prudente Aguiar, 38 - conj 216 - CEP 25620-090  
Centro - Petrópolis-RJ  
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
CEP: 22775-057

www.correiopetropolitano.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.